

O
SEGREDO
da LIVRARIA
de PARIS

LILY GRAHAM

O
SEGREDO
da LIVRARIA
de PARIS

LILY GRAHAM

O
SEGREDO
da LIVRARIA
de PARIS

TRADUÇÃO: Elisa Nazarian

 GUTENBERG

Copyright © 2018 Lily Graham

Copyright © 2020 Editora Gutenberg

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2018 pela Storyfire Ltd. (Bookouture).

Título original: *The Paris Secret*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL *Rejane Dias*

EDITORA ASSISTENTE *Carol Christo*

PREPARAÇÃO DE TEXTO *Carol Christo*

REVISÃO *Samira Vilela Júlia Sousa*

CAPA *Diogo Droschi (sobre imagem de ©Drunaa / Trevillion Images)*

DIAGRAMAÇÃO *Larissa Carvalho Mazzoni*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Graham, Lily

O segredo da livraria de Paris / Lily Graham ; tradução Elisa Nazarian. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2020.

Título original: *The Paris Secret*.

ISBN 978-85-8235-633-3

1. Ficção inglesa 2. Paris (França) - Ficção 3. Guerra Mundial, 1939-1945 - Paris (França) I. Título.
20-32678 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

A GUTENBERG É UMA EDITORA DO GRUPO AUTÊNTICA

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2310-2312. Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3465 4500

Para minha mãe e meu pai, com amor.

↪ CAPÍTULO UM ↩

A VELHA SENHORA NO TREM não parecia ser o tipo de pessoa que carregava um segredo sombrio ardendo no fundo do peito. Um segredo daqueles que se contorcem em volta do coração, apertando, pronto para explodir.

Mas ela carregava.

Um segredo que, caso ousasse dizê-lo em voz alta, faria com que muitos dos desconhecidos à sua volta ficassem sem fôlego, mesmo agora, depois de todos esses anos.

Aqueles desconhecidos jamais poderiam imaginar uma coisa assim escondida por detrás do rosto cansado da mulher sentada junto à janela fustigada pela chuva, ajustando firme no pescoço um xale de caxemira vinho, com os dedos avermelhados, retorcidos e doloridos pela súbita onda de frio.

Os jovens não pensam nos velhos desse jeito. Não veem as cicatrizes deixadas pelo tempo, os sofrimentos, as alegrias. Veem apenas o rosto inexpressivo da velhice.

Com certeza a moça de cabelos escuros, olhos cansados e uma maleta de notebook abarrotada balançando junto ao quadril, que se ofereceu para ajudar a acomodar a mala da senhora no maleiro no alto, não parou para pensar nela dessa forma. Se ao menos chegou a pensar nela, foi apenas como uma pessoa precisando de ajuda, ou alguém que provavelmente não se incomodaria se ela pegasse o lugar disponível ao seu lado, onde planejava dar uma olhada, em relativa paz, nas anotações para a palestra que daria no dia seguinte, jurando, como fazia semanalmente, que estava na hora de procurar um trabalho diferente.

A mala da velha senhora era azul cobalto, antiquada, coberta por adesivos de lugares distantes. A moça jogou o cabelo sedoso sobre o ombro, concentrada, enquanto erguia a mala para o lugar disponível sobre suas cabeças, usando um cotovelo para empurrá-la quando começou a escorregar. Quase se arrependeu da sua oferta de ajuda quando, por pouco, a mala não desabou sobre sua cabeça. Murmurou um palavrão, depois limpou a garganta quando viu que a senhora a olhava com o cenho franzido, fazendo uma tentativa desajeitada de se levantar para ajudar. “Já peguei, não se preocupe”, disse, forçando um sorriso.

Por fim, ergueu a mala, enfiando-a entre uma grande lata de chocolates e uma bolsa de viagem cinza, e sentou-se, inflando as bochechas rosadas pelo esforço e soltando o ar. “Era mais pesada do que parecia. Não vá me dizer que a senhora está fugindo com as últimas joias dos Romanov?”

Os olhos verdes da mulher brilharam. “São só as minhas memórias. Quanto mais velha a pessoa, mais pesadas elas ficam. Especialmente quando estão emolduradas.”

A moça riu, exibindo dentes muito brancos e perfeitos.

Ao redor delas, as pessoas ainda embarcavam no trem de Moscou, os óculos embaçados pelo súbito calor de dentro do vagão, puxando malas de rodinhas, os rostos acusando o misto de excitação e resignação que marcava a maioria dos viajantes que tinham pela frente uma longa viagem com destino a Paris.

Pelo alto-falante, uma gravação anunciou que o trem partiria nos próximos minutos.

A moça se acomodou em seu assento e esfregou o pescoço, vítima dos travesseiros duros como tijolos do hotel sem charme onde a haviam colocado, perto do escritório de Moscou. Abriu o notebook e pegou os fones de ouvido, que planejava usar para afastar qualquer distração enquanto se concentrava em seu trabalho. Mas ficou intrigada, curiosa, apesar de suas melhores

intenções, ao refletir sobre as palavras da mulher. Virou-se para ela e perguntou: “A senhora viaja com suas fotografias?”.

A velha concordou com a cabeça, a mão levemente trêmula prendendo atrás da orelha uma mecha solta de cabelo branco e macio que havia escapado do coque na nuca. Suas unhas, lixadas e arredondadas, eram cor de pérola. Havia no ar um leve toque de perfume floral, agradável e caro.

“Gosto de manter as pessoas que amei por perto, onde quer que eu vá.”

Qualquer observação superficial que passara pela cabeça da moça – assim como a sugestão de que a velha considerasse digitalizá-las no futuro – morreu antes de sair de sua boca. Aquelas palavras haviam tocado algo em seu íntimo: a dor estéril de sentir saudade de alguém que talvez você nunca mais veja, real demais desde a morte da mãe, dois anos antes. Mordeu o lábio inferior, como que para acomodar a emoção de volta, e disse: “Consigno entender isso, ‘o lar onde quer que a gente vá’, é... lindo”.

A velha senhora balançou a cabeça. “Mas não é como se fosse a coisa em si. Acho que é por isso que estou voltando a Paris agora, depois de todos esses anos. Nem eu mesma consigo acreditar nisso.”

A moça percebeu certo sotaque inglês misturado com algum outro, possivelmente francês. “A senhora é de Paris?”, perguntou. “A propósito, me chamo Annie.”

“Valerie”, disse a mulher, seu rosto se transformando por um tipo de sorriso que mostrava a jovem escondida sob a passagem do tempo. Então, respondeu à pergunta de Annie. “Sou, acho que Paris é o meu lugar, embora tenha passado a maior parte da vida longe de lá. Andei viajando nos últimos anos, desde a morte do meu marido. Sempre quis conhecer a Rússia, e pensei “bom, por que não agora?”. Mas já fui para tudo quanto é canto: Praga, Istambul, Marrocos... Ainda assim, sempre que penso nisso, percebo que Paris é meu lugar. Curioso, não é?”

Annie deu de ombros. “Nunca morei em nenhum outro lugar, então, para mim, lar é sempre uma casinha no interior de Kent. Quando isso é tudo o que você conhece, acho que fica mais fácil. Nem consigo me imaginar vivendo de fato em Paris: parece algo incrível. Baguetes sempre que você quiser, *croissants*, cafés espalhados por ruas calçadas com pedras, a moda...” Ela suspirou, os olhos brilhando ao imaginar o romantismo de viver na Cidade Luz, o amor. “Sempre quis ter coragem de me mudar para lá. Talvez, um dia...”

A mulher entendeu. “Eu também não conseguia me imaginar vivendo ali quando tinha a sua idade, mas foi quando me mudei sozinha para lá. Fiquei apavorada, na verdade, e não achava que algum dia me acostumaria. Eu não era exatamente uma pessoa elegante, era bibliotecária-assistente... Inclusive de corpo e alma, de pesados sapatos oxford e veludo cotelê, na maioria das vezes.”

Annie sorriu. “Hoje em dia isso é moda – *nerd* chique?”

Valerie soltou uma risadinha gutural que desmentia sua idade.

“Então, o que fez a senhora decidir se mudar para Paris?”, perguntou Annie.

Os dedos da mulher brincaram com um anel de sinete na mão esquerda.

“Eu precisava desesperadamente saber quem era minha família, e isso acabou sendo mais forte do que o medo.”

O trem começou a se mover e a estação passou zunindo num borrão cinza e azul de homens e mulheres apressados para o choque súbito do verde e dourado do campo. Pelo alto-falante, veio o aviso de que havia lanches e bebidas no vagão do meio, com um cardápio de refeições quentes e frias.

Annie estava morrendo de vontade de continuar ouvindo, mas viu Valerie olhar para trás e ofereceu: “Café? Posso trazer para nós duas”.

“Ah, seria ótimo”, disse Valerie, abrindo a bolsa e estendendo uma nota. “Puro, por favor. Por minha conta.”

“Muito obrigada”, agradeceu.

Enquanto Annie abria caminho por entre cotovelos e joelhos, louca por uma dose de cafeína, Valerie pensava em seu passado. Como poderia evitar se, afinal de contas, era disso que se tratava a sua viagem? Finalmente, depois de todos aqueles anos, voltaria para onde tudo havia começado, onde toda a sua vida havia mudado.

Em parte, não conseguia conter sua agitação, a mesma de mais de quarenta anos atrás, quando fez uma viagem parecida com aquela pela primeira vez. Rodou o anel novamente, uma peça extravagante feita de latão e mau gosto, hábito nervoso que não conseguia evitar.

Annie voltou estendendo-lhe um copo de isopor cheio de café puro fumegante, exatamente como pedira; em seguida olhou para o anel de Valerie, mas não comentou nada.

Vendo onde o olhar de Annie havia pousado, Valerie levantou os ombros de leve, com ironia. “Pertenceu ao meu avô. É horroroso, mas gosto mesmo assim, porque foi dele”, disse com uma risadinha sem graça, tomando um gole de café.

Annie fechou o notebook e também bebericou seu café. Estava curiosa em relação àquela mulher ao seu lado, apesar das boas intenções de revisar seu trabalho. Estava se distraindo, para dizer o mínimo. Sempre tivera fascinação por pessoas e suas histórias; às vezes, era impossível se segurar, como agora.

“A senhora disse que o motivo de ter ido a Paris era conhecer sua família? Eles eram franceses?”

Valerie acenou afirmativamente. “Fomos separados pela Segunda Guerra Mundial quando eu era bem criança. Me levaram para viver com uma parente distante, na Inglaterra. Disseram que era para a minha segurança. Não me juntei mais à minha verdadeira família, pelo menos não antes de me tornar adulta.”

“Sinto muito”, disse Annie, que não conseguia imaginar como aquilo deveria ter sido terrível.

Valerie encolheu os ombros. “Apenas mais uma vítima da guerra, imagino. O que muitos homens não perceberam depois de travar todas essas guerras é que, no fim, não existem vencedores de verdade, não mesmo: existem apenas vítimas, e elas continuam aparecendo muito tempo depois da guerra. Eu tinha por volta de 20 anos quando descobri que minha família ainda estava viva. Bom, um membro estava, seja como for.”

“A senhora não sabia?”, surpreendeu-se Annie.

“Não fazia ideia. Tinham me dito que estavam mortos. Fui criada pela prima da minha mãe. Para evitar confusão, me disseram para chamá-la de ‘tia Amélie’. Ela havia se casado com um inglês, durante a guerra, meu tio John, e fui viver com eles. Depois da morte da minha mãe, me disseram que não havia mais ninguém vivo, só Amélie. Quando fiz 20 anos, ela achou que eu merecia saber a verdade. Só agora, depois de velha, é que talvez eu esteja começando a entender por que eles fizeram o que fizeram. Como pensaram que a mentira me pouparia da dor.”

Valerie suspirou com tristeza.

“Para alguns, a verdade é um fardo, algo que nunca pode ser restaurado depois de solto – uma caixa de Pandora –, mas para mim foi o oposto. Foi uma âncora no passado que me deu uma sensação de pertencimento, mesmo que fosse um pertencimento doloroso de suportar.”

Annie abaixou os fones de ouvido, deixando-os de lado. Teve a sensação de que não os pegaria de volta pelo resto da viagem.

“Então a senhora resolveu ir a Paris encontrar sua família? Descobrir por que tinham mantido em segredo que ainda estavam vivos?”

Valerie confirmou. “Era 1962, e embora já tenham se passado muitos anos, ainda consigo me lembrar de onde estava sentada quando embarquei no trem de Calais. Não peguei o assento da janela, na época”, disse, com uma risadinha. “Havia neve no ar, e eu só conseguia ouvir as palavras de Amélie passando pela minha

cabeça. *Não faça isso, Valerie. Não faça isso, por favor.* Mas eu precisava fazer.”

“Ela não queria que a senhora fosse encontrá-los, mesmo depois de ter contado sobre eles?”, perguntou Annie, franzindo a testa. “Por quê?”

Valerie girou o anel. “Era mais porque ela não queria que eu me decepcionasse. Afinal de contas, eu tinha sido abandonada. Ela não queria que eu esperasse um encontro de contos de fadas. Não queria que eu abrisse uma ferida que talvez jamais se fechasse. Mas eu não estava atrás de um conto de fadas. Só da verdade. Tinha que descobrir por que fizeram o que fizeram. Por que me mandaram para um país estranho, para ser criada por outra pessoa, uma estranha, na verdade, mesmo que fôssemos parentes distantes.”

O trem acelerou, e Annie foi levada junto com ele pelas palavras da velha senhora, através da paisagem cáqui e dourada do campo, a caminho do passado.

⇒ CAPÍTULO DOIS ⇐

Paris, 1962

O apito soou conforme o trem deslizava para dentro da estação em meio ao nevoeiro e ao frio. Valerie esticou o pescoço para espiar pela janela, para além da mulher ao seu lado.

Paris.

Não conseguia acreditar que estava ali, que, no final das contas, tinha seguido em frente.

Passageiros endinheirados alongavam pernas e braços e vestiam casacos, cachecóis e chapéus que tinham tirado horas antes, em Calais.

Uma senhora murmurou: “Neve”. Era possível sentir o cheiro no ar.

Valerie estremeceu dentro do casaco emprestado, embora a causa do tremor fosse mais o nervosismo que o frio.

Tinha uma aparência frágil, reforçada pelo pesado casaco de *tweed* que, enorme como uma barraca, cobria até seus pés e ainda cheirava a Freddy, que o havia colocado sobre seus ombros. Valerie aspirou fundo a mistura de loção pós-barba com algo que, de certo modo, sempre a fazia se lembrar de casa. Antes de subir na balsa, ele tinha encostado a cabeça em sua testa e dito: “Você não precisa fazer isso; você sabe, não sabe? Poderíamos ter nossa própria aventura aqui, só você e eu”.

Ela concordou com a cabeça, com um nó na garganta, porque tinha que ir. Se não fizesse isso agora, jamais faria.

Fechou os olhos. Pensar em Freddy não ajudaria. Por debaixo do casaco disforme, usava o cardigã fino, rosa, com um buraco no cotovelo esquerdo e os botões de pérola esmaecidos que tia Amélie

havia costurado nele quando Valerie tinha 13 anos. Até então, não havia se preocupado com sua falta de estilo.

Tirou do maleiro a velha mala da tia, amarrada com barbante para não abrir. À sua frente, uma mulher com uma elegante echarpe de seda a olhou de cima a baixo, parecendo cobrir com algo semelhante a pena seu casaco usado e os desajeitados sapatos marrons. Valerie desviou o olhar, tocou a carta dobrada no bolso do casaco, sentiu a ponta aguda do envelope – transformada em dobra arredondada e macia por seus dedos nervosos – e juntou coragem; era *por isto* que estava ali. Não havia tido tempo de conseguir algo estiloso. Não que tivesse dinheiro para tanto; as coisas estavam difíceis ultimamente.

Com o queixo ligeiramente erguido, abriu a mala, tirou o casaco, vestiu mais um pulôver e enrolou um cachecol tricotado à mão ao redor do pescoço. Se estivesse nevando, estaria preparada. Mesmo que não estivesse preparada para mais nada.

Ele tinha enviado um mapa, juntamente com a carta. Havia sido um gesto delicado da parte dele. Mais tarde, Valerie percebeu o quão peculiar esse gesto era também; dava um aperto no peito pensar que seu parente vivo mais próximo precisava enviar um mapa para que ela o encontrasse.

Mesmo assim, eles se reuniriam em breve. Isso era o mais importante.

O trabalho ajudaria. Ela tinha mais sorte do que a maioria das pessoas. Além disso, o anúncio dizia não ser necessário experiência, apenas amor pelos livros. Bom, estavam falando dela, não estavam? Como bibliotecária qualificada e antiga livreira, Valerie tinha fugido para os livros da mesma maneira que algumas mulheres fogem para os braços de homens: mergulhando de cabeça e sem colete salva-vidas.

As palavras de Amélie ainda ressoavam em sua cabeça. “Mas Valerie, isso não é como uma história de um dos seus livros. Não

tenho certeza de qual vai ser a reação dele quando descobrir. Vincent Dupont sempre foi um homem temperamental. Pode ser que ele não reaja da maneira que você espera quando chegar lá.”

Não tinha importância, não mesmo, pensou Valerie. Além disso, as pessoas que não liam pensavam que todas as histórias eram contos de fadas. Não eram. As corretas ensinavam quem você poderia ser se tentasse, se pelo menos saísse da sua zona de conforto, da segurança e do conhecido. A única coisa de que ela precisava naquele exato momento era coragem.

Ao sair da estação e passar pelo amontoado de gente, teve sua primeira visão de Paris e sentiu uma agitação alegre. Era como se tivesse uma bolha efervescente flutuando sob os pés, tornando seus passos mais leves e mais ousados, espantando o cansaço da viagem. Apesar do frio, havia um toque dourado no ar, como borbulhas de champanhe, e isso dava aos prédios um brilho âmbar rosado.

Da última vez que estivera ali, tinha 3 anos de idade e corria pelas ruas com sua tia ao sair da cidade. Se fechasse os olhos, quase conseguia se lembrar. A maneira como seus pés batiam nas pedras do calçamento, os aflitos olhos cinza da tia, a pressão da mão dela contra seu braço, firme e implacável, mesmo quando Valerie gritava que estava cansada. Enquanto corriam, ela pôde ver um grupo de soldados uniformizados entrando na rua ao longe. Amélie parou e Valerie deu um encontrão em suas pernas. A tia, então, virou-se rapidamente e lhe disse para ficar quieta, que elas precisavam ir por outro caminho. Agora. Quando ela hesitou, seu braço foi puxado bruscamente. Havia lágrimas nos olhos de Valerie, mas ela não chorou mais, apenas fez o que Amélie mandou. *Vite*. Rápido.

Valerie não sabia se aquilo era uma lembrança ou simplesmente uma invenção de sua mente a partir do que Amélie lhe contara. Mas parecia real.

Seguiu pela Rue des Arbres, passou por construções com estátuas nas fachadas e por cafés com mesas que, mesmo no sol frio de outono e com previsão de neve fora de época, se espalhavam pelas calçadas, trazendo o perfume de café *noir* recém-coado, de baguetes, e o som das pessoas.

Dirigiu-se para a região de Saint-Germain-des-Prés, espaço de artistas e vagabundos que, nos últimos anos, tinha sido adotado por escritores e feministas, pensadores revolucionários e amantes do jazz, formando um caldeirão de culturas.

Apesar do mapa, logo ela se viu perdida, caminhando ao longo do sinuoso Sena, maravilhando-se com tudo o que via, apesar de não ter ideia de onde estava. Quarenta e cinco minutos depois, encontrou a livraria, enfiada entre um bistrô e uma floricultura, na Rue des Oiseaux. Chamava-se Gribouiller: “rabiscar”. Um toque de fantasia que, mais tarde, ela acharia improvável, na melhor das hipóteses, ou sarcástico, na pior.

Hesitou diante da porta maciça de madeira, cor de ovo de pato, espiando pela janelinha em que as letras douradas do nome da loja estavam gravadas, esmaecidas pelo tempo. Girou a maçaneta de latão e o sino acima da porta tilintou.

Dentro, um fecho de luz se infiltrava pela janela e incidia sobre um velho de cabelos de algodão, sentado num canto junto a uma grande escrivaninha de mogno abarrotada de livros, cartas e cinzeiros transbordantes. Fumava, e não levantou os olhos, apenas acenou com uma mão magra, os dedos manchados de marrom por causa dos cigarros. “Um franco pelos livros novos, cinquenta centavos pelos velhos. Fique à vontade”, disse, numa voz rouca.

Valerie hesitou, ciente do barulhão que seus pesados oxford faziam no empoeirado chão de madeira. Parou o mais perto que se atreveu da escrivaninha, os olhos contemplando as fileiras de prateleiras brancas personalizadas e as pilhas confusas de livros, que lutavam para se posicionar em cada centímetro da loja. Seu

coração batia forte agora que estava ali. Agora que não tinha volta. “*Bonjour, monsieur*. Estou aqui pela vaga.”

“Vaga?”, disse ele, franzindo a testa sem mover o olhar do livro-caixa à sua frente. Piscando os olhos azuis e lacrimosos, tirou os óculos de aro de metal e os colocou sobre a mesa com um pequeno e audível suspiro, relutante em deixar seu trabalho.

“De livreira.”

O homem levantou os olhos e, por fim, reclinou-se em sua poltrona marrom. Havia um rasgo do lado, expondo o estofamento. Interrompeu a tragada no cigarro e olhou para ela através do redemoinho cinza-azulado de fumaça, intrigado, como se o que visse também não parecesse esclarecer grande coisa.

“Você é inglesa”, disse depois de um tempo. Não era uma pergunta, mas uma simples confirmação de um fato.

“Sou”, ela respondeu. Não pôde evitar, sua voz saiu ligeiramente mais aguda do que pretendia. Limpou a garganta. “Escrevi para o senhor faz um tempinho”, disse, tentando fazer com que ele se lembrasse. Seu coração despencou com um pensamento indesejável: *será que ele tinha se esquecido?* Tirando a carta do bolso do casaco com dedos trêmulos, estava prestes a entregá-la. Não fazia mais do que uma semana, mas a carta tinha sido torcida, dobrada e lida tantas vezes que parecia fazer parte dela.

O velho franziu a testa e recolocou os óculos. Depois, deixou sua poltrona com um resmungo e aproximou-se para olhar Valerie adequadamente. O que viu não pareceu impressioná-lo; ela havia retirado o casaco, exibindo dois pulôveres e uma longa saia de veludo marrom. Ao lado dos sapatos de solado grosso estava a mala extremamente surrada.

O velho pareceu franzir ainda mais o cenho diante de seu cabelo loiro dourado e dos olhos verdes; depois, insinuou um breve aceno com a cabeça, embora não demonstrasse qualquer intenção de pegar a carta.

“Você é a moça, a acadêmica”, disse, com uma fungada, apesar de seus olhos parecerem ligeiramente menos frios do que antes, Valerie pensou. Mas isso bem que poderia ser um truque da luz. Ele estalou os dedos, como que para avivar a lembrança, e uma pequena montanha de cinzas caiu no chão, próxima aos seus sapatos, deixando um polvilhado mesclado de cinza na superfície encerada. “Aquela... aquela com aquele... aquele artigo.”

“Os desafios da venda de livros durante a guerra: um estudo de duas cidades durante a Blitz e a Ocupação”, Valerie citou. “Sim. Sou Val...” Ela parou, depois se corrigiu rapidamente, falando mais alto: “Isabelle Henry”. Deu o nome falso, esperando que ele não tivesse percebido o lapso. Falavam em francês. Ela sabia que ele não aceitaria outra possibilidade. Tinha sido advertida por Amélie.

“Vincent Dupont”, ele disse, olhando brevemente, com um alçar da sobrancelha cinza, a mão dela estendida; seus lábios emitiram um “pff” baixinho. Ela puxou a mão rapidamente e sorriu, sem graça.

Olhou para ele buscando absorver tudo, do cabelo branco ao nariz longo que se arredondava ligeiramente na ponta, os olhos azuis penetrantes, absurdamente claros, as costas arqueadas, a calça e os mocassins beges, o cardigã esmeralda com reforços de couro nos cotovelos, na altura em que um livro, meio enfiado no bolso esquerdo, com a capa amarelo-claro e as pontas reviradas, se encostava no quadril.

Ele acenou levemente com a cabeça. “Vou te mostrar seu quarto. Não é grande coisa”, avisou, conduzindo-a até um lance de escada, atrás da escrivaninha, que levava ao apartamento no andar superior e ao quartinho que ela usaria, o qual, segundo o anúncio, tinha uma cama de solteiro, uma pia e uma chaleira. Mais tarde ela deduziria que esta última era o toque final na intenção de uma hospedagem de luxo. Chá e açúcar não estavam incluídos; Monsieur Dupont não administrava uma instituição de caridade. Ela não se importou. Estava ali, finalmente: era o que importava.

Seu coração deu um ligeiro salto enquanto o seguia. A escada era ladrilhada de preto e branco e espiralava como uma pequena torre em concha. Para sua surpresa, Valerie descobriu que a reconhecia: podia se ver em um par de sapatos vermelhos que cintilavam ao sol, pulando seus degraus, quando criança. Arfou baixinho com a lembrança súbita e esquecida.

Uma lembrança daqui. Estendeu a mão até a parede para se firmar, notando, ao fazê-lo, que as paredes tinham mudado: costumavam ser brancas, mas agora eram cinza e descascadas, precisando de nova pintura. Costumava haver um corrimão de latão, mas ele também havia sumido, substituído por um anteparo barato, de plástico.

Sem perceber seu momento de choque e surpresa, a constatação progressiva de que havia estado lá antes, Monsieur Dupont virou-se para olhar para ela, estreitando os vívidos olhos azuis contornados de vermelho. “Você não vai mudar de ideia agora, vai? Mandei limpá-lo. Expliquei que você teria um quarto no apartamento sobre a loja. Nunca fiz com que parecesse o hotel George V naquela carta, tenho certeza”, disse ele, num tom cansado e impaciente.

Ela sacudiu rapidamente a cabeça e apertou a mala, os nós dos dedos brancos, mostrando para ele o que Freddy chamava de seu sorriso megawatt. “Ah, não, está ótimo, obrigada, maravilhoso.”

Ele olhou para ela, um tanto curioso por seu entusiasmo excessivo. “Você ainda não o viu.”

Valerie corou ligeiramente.

Monsieur Dupont girou a maçaneta de latão e ela entrou em um pequeno apartamento banhado de luz, que incidia em um assoalho de madeira encerado num padrão espinha de peixe. As janelas eram grandes e davam para as ruas de Paris, com a torre Eiffel ao longe. Em frente à sala havia uma cozinha com uma mesa redonda e uma pequena prateleira que abrigava um tímido amontoado envelhecido de livros de culinária.

Ele lhe mostrou o banheiro, depois o caminho até um quarto minúsculo na extremidade oposta do apartamento. Destrancou a porta e a abriu com um pouco de força. Dentro, o ar cheirava a mofo e falta de uso. Havia uma cama de solteiro coberta com uma colcha de retalhos, um guarda-roupa infantil, uma pia minúscula no canto, ligeiramente enferrujada, e, em um banquinho baixo na ponta da cama, ao lado de uma lasca de janela, a infame chaleira com uma caneca e uma colher de chá. Se abrisse os braços, ela conseguiria tocar as paredes dos dois lados. “Está bom, *mercí*”, disse.

Ele fez um ruído de concordância. “Vou deixar você desarrumar a mala antes de começarmos a trabalhar. A loja abre seis dias por semana, com um intervalo para o almoço às 14h, depois volta a funcionar das 17h às 21h. Isso é um problema?”

Ela fez que não com a cabeça.

Ele acenou e se virou para sair; depois, inclinou-se para ela com a testa franzida, e ela se perguntou se talvez, por um momento, ele finalmente a reconheceria. Mas então ele disse: “Peixe?”

“Peixe?”

“Você come peixe?”

Ela assentiu. Ele saiu, dizendo “*Bon, jantar*”.

Ela se sentou na cama, tentando acalmar seu coração enquanto desenrolava o cachecol grosso de lã, olhando o quartinho à sua volta.

Ele não a reconheceria. Por um momento, quando prendeu a respiração, pensou que ele tinha percebido quem era, visto algo familiar em seus olhos, em seu sorriso. Mas não.

Respirou fundo, repreendendo-se pelos pensamentos românticos. Fazia dezessete anos que ele não a via, e ela nem lhe dissera seu nome verdadeiro. Agora, suspeitava que, se tivesse dito, havia grandes chances de que tia Amélie estivesse certa: ele a *teria* posto para fora.

→ CAPÍTULO TRÊS ←

Três semanas antes

Londres

O anúncio para o cargo de livreira na Gribouiller era uma coisa mínima comparado ao anúncio para um cargo em uma fábrica de geleias em Lyon, ou outro para costureira em Montmartre, e tinha apenas três linhas. Mas, para Valerie, poderia ter sido igualmente escrito em letras maiúsculas na primeira página; o nome da livraria saltou aos seus olhos e fez seu coração parar.

Freddy o havia tomado dela, colocando o jornal sobre a grudenta mesa de madeira dentro do bar de esquina favorito deles, que sempre cheirava a sidra velha e ovos escoceses. “Não”, ele avisou.

Ela levantou o rosto, seus olhos verdes encontrando os dele, castanhos escuros. Os dela tinham aquele olhar. Um olhar que ele reconheceu, e então resmungou: “Sabia que deveria ter guardado isso comigo”.

Ele tinha descoberto o aviso por acaso, em um exemplar da semana anterior do *Le Monde*. Agora, desejava não tê-lo mostrado a ela.

Ela deu um sorriso relutante, apesar do fato de que tudo parecia estar saindo do eixo depois de ver o aviso. “Você não se atreveria.”

Ele enfiou a cabeça nas mãos, fazendo seus revoltos cabelos castanhos ficarem ainda mais despenteados do que o normal. Freddy tinha uma aparência de moleque que o acompanharia até o fim dos seus dias. Era isso que fazia dele um jornalista tão bom; ninguém o levava a sério, até ser tarde demais. “Não”, ele admitiu. Freddy era o primeiro a reconhecer que, no que dizia respeito a Valerie, era impossível ter uma perspectiva.

Ela virou de uma vez o restante da cerveja morna dele, fez uma careta e se levantou, fazendo uma saudação e preparando-se para deixar o calor do bar. “Preciso tomar um pouco de ar, pensar nisso”, dissera, mesmo fazendo pouco mais de dez minutos que haviam se sentado.

Freddy olhou para ela, confuso. “Bom, te vejo mais tarde então, certo?”

Ela concordou vagamente. Só conseguia pensar nas palavras do anúncio, que reverberavam em seu crânio como a batida de um tambor:

*Procura-se atendente de livraria, fundamental adorar ler,
não é necessário experiência, quarto disponível com chaleira.*

Tinha parecido um sinal. Uma entrada.

Saiu do bar, aturdida, e caminhou pelas ruas do norte de Londres debaixo de chuva. Passou aquela noite esboçando a carta, dizendo tudo ao avô, menos a verdade: seu interesse por literatura francesa, seu amor pela leitura, seu sonho em passar um ano no exterior, a oportunidade que tal cargo lhe daria para completar seus estudos, e o ensaio ficcional que estava escrevendo sobre a venda de livros durante a Segunda Guerra Mundial. Apelou para o orgulho francês dele, afirmando ter certeza de que tinha sido mais difícil durante a Blitz do que durante a Ocupação. Algo lhe dizia, pelas explicações de tia Amélie sobre seu temperamento, que isso poderia ajudar a garantir, no mínimo, uma resposta, mesmo que fosse grosseira. Decidiria o que fazer depois, caso ele dissesse não.

Tinha feito muitas perguntas, queria saber se ele poderia aceitá-la sem uma entrevista prévia, já que a viagem a Paris seria de alto custo para ela, com seu salário de assistente da Biblioteca Britânica. Sugeriu que poderia trabalhar de graça na primeira semana como forma de ganhar experiência, oferecendo-se para cozinhar em troca do quarto, de informações sobre a loja durante a guerra e da passagem de volta para casa, se o arranjo não desse certo.

Esperou impacientemente pela resposta durante uma semana e meia, atacando a caixa de correio todo final de tarde, quando chegava do trabalho, mas nunca havia nada. Então começou a perder a esperança.

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

00000>